

Entrevista com Lia Faria¹



Lia Faria é mulher pública. Sujeito político que se percebe melhor porque ente coletivo. Carioca da gema, ama o Rio de Janeiro e, também, a “Fazenda Boa Sorte”, o verde e a paz em Nova Friburgo, município da região serrana fluminense. Adolescente, já sabia o que queria ser: livre. Descobriu, ao longo da vida, os inúmeros constrangimentos a isto,

¹ Entrevista realizada em 20 de fevereiro de 2014.

sobretudo, para as mulheres de sua geração, dos anos 1960. Teve um companheiro maravilhoso de quase 50 anos de vida em comum, Roberto Faria que, como ela, era professor. Lia quis estudar jornalismo mas se descobriu professora de História. Depois, a Educação virou paixão. Parabéns pelos 50 anos de magistério que comemora, Lia! Nos anos da redemocratização, foi uma das fundadoras do PT no interior do Rio de Janeiro, militou no SEPE, foi trazida pelo próprio Darcy Ribeiro – que respeitou sua filiação partidária – para fazer com ele e sua competente equipe os CIEPs, no Governo Brizola (1983-1987). Mestre e doutora em Educação, Lia abraçou a proposta de uma escola e de uma pedagogia de primeiro mundo e em tempo integral a revelar à criança o quanto ela pode sonhar e realizar. Com dois pós-doutorados, hoje é professora do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (ProPEd-Uerj) e mantém seu ímpeto de formar gerações para a autonomia e para o ethos solidário. Mulher, mãe, professora, crítica e auto-crítica, sabe o quanto a “nova mulher” e o “novo homem” precisam aprender juntos para serem felizes, e o quanto a escola (ainda) pouco ajuda nisto. Em sua fala, entusiasmada, crítica, engajada, multifacetada, Lia deixa transbordar as marcas da mulher que se tornou intelectual sem deixar de ser “filha de seu tempo” – quando o “lugar de mulher” era em casa, silenciosa, mas ela gritou! Por isso, talvez, hoje seja tão grata ao marido e fale tanto dele ao falar de si, tão misturados que eram. Num instante, pensa que ele é o criador e ela, a criatura. No momento seguinte, sabe, porém, que foram cúmplices “nos descaminhos e nas incertezas”, como diz na epígrafe de seu livro, e que viveram um grande amor. Lia se mostra encantadoramente contraditória – nada mais humano! Reinventa-se na folia. E afirma: “Não é o fim do caminho!”. Antes que a gente esqueça, é avó da Maria Eduarda, de 2 aninhos, mas que os netos mais velhos não se sintam enciumados!²

² Eu, Adelia, gostaria de dedicar a entrevista de Lia Faria a pessoas queridas, Paulo Sergio Ribeiro da Silva Jr., Fabiano Rangel e Rudolf Rotchild, juntos começamos a estudar com zelo e honestidade, na Uenf, a proposta político-pedagógica do CIEP, enquanto perseguíamos a construção de “um mundo melhor”. Também, a Dayane de Souza que tem se dedicado hoje, em seu mestrado em Ciências Sociais na UFES, a refletir sobre trajetórias femininas e política, e a Renata Saul, mulher, educadora, “guerreira”.



Entrevistadores

*Adelia Miglievich-Ribeiro*³

*Leonardo Nolasco-Silva*⁴

Adelia (A) - Lia Faria, nós estamos muito felizes de estar com você. Eu e Leonardo, porque esta entrevista está sendo acalentada já há algum tempo e este ano de 2014 é um ano especial, do ponto de vista da história do mundo e do Brasil mas também muito importante em sua história de vida. São seus cinquenta anos de magistério?

Lia (L) - Cinquenta anos de magistério que eu completei em março de 2014.

A - E o que é o magistério, Lia?

L - O magistério, para mim, sempre foi uma profissão mágica. Sempre foi um espaço de encantamento porque eu gosto muito de gente. Então eu escolhi uma profissão que é para lidar com pessoas. Quando eu comecei a trabalhar, fui professora primária, fiz escola normal, no antigo estado da Guanabara, há cinquenta anos, exatamente em março, há cinquenta anos... eu peguei uma turma da antiga quinta série primária, que seria o curso de admissão... eu me lembro que eu tinha dezessete anos e meus alunos tinham treze, catorze anos e era uma turma com cinquenta e quatro alunos. Essa foi minha primeira experiência profissional, eu tenho uma foto dessa turma e eu me lembro que foi uma experiência extremamente agradável. Eu adorei ser professora.

A - O seu curso normal, o antigo normal, foi feito onde?

³ Doutora em Sociologia (PPGSA/IFCS/UFRJ); Professora Adjunta do DCSO e dos Programas de Pós-Graduação em Ciências Sociais (PGCS) e em Letras (PPGL) da UFES. Vincula-se hoje ao Programa de Pós-Graduação em Educação (ProPed-UERJ) com bolsa PDS-Faperj.

⁴ Doutor em Letras (PGPL-IL-UFF); Pós-Doutor em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação (ProPed-UERJ) com bolsa CNPq.

L - Foi numa escola pública. Havia algumas escolas normais no estado da Guanabara, todas muito prestigiadas e era uma entrada difícilíssima, um verdadeiro vestibular. Nós fazíamos cursinho preparatório. Então, eu fiz a antiga oitava série, o antigo ginásio, no Colégio Anglo Americano, na parte da manhã, porque não havia ginásio público. Só havia de público o Instituto de Educação e o Colégio Pedro II, além dos colégios de aplicação. Eu fiz o Anglo Americano de manhã e à tarde eu ia para o cursinho em Ipanema, que era um curso muito conhecido para preparar para o concurso para a Escola Normal, que era disputadíssimo. Tanto que no meu livro sobre os anos sessenta, que é uma parte de minha tese de doutorado⁵, há uma foto que mostra os excedentes brigando na porta do Instituto de Educação porque todo ano havia muitos excedentes, pessoas que tiravam a nota mínima do concurso, mas que não conseguiam entrar naquele número de vagas.

A - Uma profissão extremamente prestigiada, Lia?

L - Prestigiada para as mulheres, ainda para as mulheres. Para as moças de classe média. Na verdade, era uma profissão para moças de classe média, para moças brancas, essa que é a verdade. Eu me lembro que eu entrevistei uma antiga colega de primário, que era negra e ela me contou como ela foi “barrada” no Instituto de Educação com desculpas que não “colavam”, no fundo, porque ela era negra e pobre... E eu fui me dando conta, quando escrevia a tese de doutorado, já nos anos noventa, do quão racista, preconceituosa e excludente era essa escola normal dos “anos dourados”. Bem, a Tônia Carreiro foi normalista, a Leila Diniz foi normalista, a Malu Mader foi normalista. A escola normal que eu fiz, como você perguntou, era na zona sul. Era a única escola normal pública na zona sul, a Escola Normal Nascimento do Amaral, que funcionava no mesmo prédio do Colégio de Aplicação da UFRJ, ali na Lagoa. E hoje essa escola continua ali por aquele bairro, na rua do Jardim Botânico. Claro que as escolas normais perderam aquele glamour, aquele charme...

⁵ A dissertação de mestrado de Lia Faria havia sido “A questão feminina no movimento das contradições da escola pública do Rio de Janeiro e/ou: quem é esta mulher que se torna professora?” (IESAE-FGV). Ela prossegue na questão de gênero, em sua tese de doutorado “Olhar Feminino Sobre Ideologias e Utopias nos Anos 60: Discurso Fundador de uma Geração” (UFRJ). A tese de doutorado é publicada pela Eduerj, em 1997, sob o título “Ideologia e utopia nos anos 60: um olhar feminino”, trazendo o prefácio assinado por Darcy Ribeiro que esteve presente em sua banca, quer no mestrado quer no doutorado.

agora, não podemos perder de vista que era outro mundo, era uma outra cidade, era uma outra escola pública, né? Não havia essa violência, não havia essas contradições. No fundo, era para poucos. Tanto a escola normal era para poucos quanto a própria escola pública ainda era para poucos.

A - Quando você se forma professora, imediatamente assume a sala de aula? Não era assim?

L - Tem um detalhe muito interessante para mostrar o prestígio dessa profissão: por que as pessoas brigavam tanto para entrar nesses concursos? Porque, ao entrar nesses concursos, de certa forma, você já estava entrando no concurso público para ser professor estatutário. Então, você fazia o primeiro e o segundo anos normais, no terceiro ano, você era considerada professoranda, era outra categoria. E o que acontecia no terceiro ano? Você já assumia uma turma, como eu assumi como professora, sem ajuda de ninguém. Ao mesmo tempo, paralelamente, você tinha disciplinas pedagógicas na sua escola normal onde você continuava a formação no terceiro e último ano. Quando você acabava, você já estava designada como professora pública, estatutária do estado da Guanabara, numa escola. Você era funcionária pública, sem fazer outro concurso. Eu já sou aposentada dessa primeira matrícula, que eu entrei lá atrás, com dezessete anos. Esse ano que eu trabalhei como professoranda contou para a minha aposentadoria.

A - Fale-me de sua família? Quem eram seus pais? Quem era o seu núcleo familiar mais íntimo?

L - Eu era de uma família classe média, zona sul, Copacabana... meu pai era militar, minha mãe era do lar. Então eu tive uma educação típica para uma moça branca, de classe média da zona sul, né? Meus avós eram “postiços” e também eram meus padrinhos de batismo. Minha mãe não foi criada pela mãe biológica dela, mas pela tia que depois casou e pelos meus padrinhos-avós. Meu avô de criação era português, dono de comércio, tinha uma situação econômica muito boa e, então, embora meu pai fosse um jovem militar, vivendo com dinheiro apertado, eu tive uma série de oportunidades por causa desses meus avós.

Meu pai e minha mãe acabam comprando um apartamento na Avenida Atlântica, pela Caixa Econômica, já que naquele tempo Copacabana e a Avenida Atlântica não eram tão valorizadas como hoje. Copacabana era meio vista como um lugar perigoso, já tendo uma dissolução dos costumes, um lugar progressista demais para as famílias tradicionais... eu acredito que Copacabana teve essa coisa que eu encaro de uma forma extremamente positiva, porque ela já era globalizada, ela já era metropolitana, ela já era plural. Eu morava ao lado do Hotel Copacabana Palace, eu vi Brigitte Bardot da minha janela, eu entrevistei, quando eu fui fazer jornalismo, Vinícius de Moraes na pérgula do Hotel Copacabana Palace onde ele estava todo dia às cinco horas da tarde, batendo ponto e tomando seu “whyskinho”...

A - Essa parte então eu quero ouvir. Você podia estar simplesmente, o que não é pouco, à frente de sua sala de aula, no início de sua vida de magistério, mas você opta, imediatamente, por ingressar numa faculdade?

L - É. Eu sempre quis ser jornalista. Eu sou uma pessoa muito ligada à questão da palavra. Eu sou uma leitora voraz, sou apaixonada por literatura, gosto de ler, gosto de escrever e tinha essa inquietação. E acho que o fato de o meu pai ser piloto, da aeronáutica, o fato do meu pai ter conhecido grande parte do mundo – meu pai foi ao Oriente Médio, foi várias vezes aos Estados Unidos, conheceu vários países da Europa e, quando ele viajava, trazia coisas, trazia objetos e conversava sobre isso. Meu pai conhecia o Brasil e a América Latina profundamente – e de cima, né? Vendo e descrevendo, inclusive, toda aquela geografia, conheceu as tribos indígenas, conviveu com os irmãos Villas Boas. Trazia objetos dos índios. Eu também conheci o Brasil e a América Latina através dos olhos do meu pai. Meu pai foi um pouco assim, pioneiro, desbravador na aeronáutica. Eu me lembro que ele era apaixonado pela coisa das hidrovias, chegou a desenvolver estudos sobre a importância do Brasil investir na construção das hidrovias. Era profundamente nacionalista. Então, ele me marcou com essa visão do Brasil, essa visão do país exuberante, porque embora ele viajasse para o exterior, sempre que ele voltava, ele dizia: “Mas país como o Brasil não existe. País é o nosso.” O fato de eu também morar na Avenida Atlântica, olhando o mar, o horizonte sem

limites, né? Meu pai sempre me deu asas. E, de certa maneira, a literatura e o romance eram uma forma de voar, porque a educação, sim, ela era repressora. Nenhuma mulher da minha família tinha tido uma profissão... minha mãe era do lar, então, eu não tinha nenhum exemplo de mulheres com uma carreira profissional.

A - Você foi a primeira, então?

L - Eu fui a primeira da minha família e, depois, as minhas primas mais jovens, duas se tornaram advogadas.

Leonardo (Le) - Qual foi a reação dos seus pais com essa sua iniciação no mundo profissional?

L - Embora conservador, bastante preconceituoso, racista, machista... meu pai era um homem que conhecia o mundo. Ele foi piloto de presidente da república. Foi piloto de Getúlio Vargas. Então meu pai frequentava jantares, recepções e me levava. Meu pai, bem repressor, militar, neto de alemão, mas teve a oportunidade de conhecer o mundo e eu tive a oportunidade de também vislumbrar o mundo. Não uma “janelinha” como as mulheres da minha geração vislumbraram. E, como um bom neto de alemão, para o meu pai o trabalho era um valor social extraordinário, como é para mim também. Eu valorizo profundamente o trabalho. Na verdade, eu valorizo o trabalho na frente do estudo porque eu entendo que é no trabalho - aí também eu sou bem Darcy Ribeiro - é no “fazimento” e na construção, é na criação que você se forma, que você se transforma, que você cria, o que é uma posição do próprio Marx. Por que Marx critica tanto a alienação no trabalho? Porque o trabalho ele te estrutura psiquicamente, e claro que meu pai valorizava o trabalho e o estudo.

Le - Para homens e mulheres?

L - Para homens e mulheres. Meu pai e minha mãe jamais me prepararam para casar, por incrível que pareça. Meu pai e minha mãe queriam que eu fosse independente economicamente e que eu não dependesse de marido. Eu acho que eu fui salva por isso e salva por outra coisa maravilhosa: eu não tive uma formação religiosa. Na verdade, havia uma coisa católica “social”: as pessoas eram batizadas, as pessoas faziam primeira comunhão... eu fiz tudo isso, casei na Igreja. Meus amigos de esquerda ficaram horrorizados! Acharam que era um “desvio ideológico”. Vários amigos da faculdade não foram ao meu casamento porque acharam um absurdo eu casar na igreja. Foi na capela da UFRJ. Sinceramente, eu me senti uma personagem, eu me senti uma atriz e estava felicíssima naquele papel. Eu estava muito feliz e, na verdade, quem preparou todo meu casamento foi minha mãe. Parece que ela é que estava casando, ela que decidia tudo, escolhia tudo. Ela estava mais feliz do que eu. E tão explicável: minha mãe veio de uma família pobre, ela ficou órfã com um ano e meio, acabou não sendo criada pela mãe dela, sofreu muito por ser criada por uma tia, por serem pobres... já a família do meu pai era mais intelectualizada. Meu avô era médico, meu tio era advogado e a família do meu pai “fazia muito pouco” da minha mãe, e meu avô postiço, o meu padrinho, embora tivesse dinheiro, era um comerciante. Nessa época, o preconceito intelectual era terrível! A família do meu avô paterno chamava esse meu avô de “salsicheiro”. Eles desprezavam...

A - O trabalho?

L - É... o trabalho. Outra coisa complicadíssima, mas que eu acho que foi ótimo na minha vida é que esses pais que criaram minha mãe não eram casados. Coisa que eu só fui descobrir muito tempo depois, até porque essas coisas não eram faladas. Minha avó Dona – eu os chamava de Donho e Dona – era separada do marido e ele era separado da mulher. A mulher dele, na época, foi considerada ninfomaniaca, foi internada... imagina? A mulher do meu avô. Fugiu com o médico. Ela foi atriz, acabou a vida no Retiro dos Artistas. Claro que essas coisas eu só fui descobrir muito tempo depois...

A - Eram os segredos de família...

L - Segredos de família... as mulheres da minha família tinham um traço interessantíssimo: todas as mulheres viveram muito! Foram até noventa, noventa e dois anos e não é agora que temos esta longevidade. Minha mãe está com oitenta e sete anos, totalmente lúcida. A minha mãe aprendeu a dirigir depois de casada, foi estudar inglês... a minha mãe se realizou naquele meu casamento, talvez, o que ela não viveu no casamento dela, porque nem o nome da minha avó, da mãe biológica dela, a vovó Débora, constou no convite porque meus avós postigos que a criaram não permitiram. E o fato de eu não ter tido aquela repressão característica da Igreja Católica foi fundamental para mim, me deu essa visão livre e ampliada de mundo. Eu lembro de mim, assim com dezesseis, dezessete anos, eu sabia muito bem o que eu queria: eu queria ser livre.

A - É mesmo?

L - Eu queria ser livre. A coisa mais importante para mim era ser livre. E para mim, ser livre era associado diretamente à independência financeira. Se eu não tivesse uma profissão, se eu não ganhasse meu dinheiro, se eu não dependesse de mim mesma, eu jamais seria livre. Isso é uma coisa forte que eu carreguei para o resto da vida. Eu acho que isso foi fundamental para o meu casamento ter dado certo. Era meio esperado que eu casasse, mas meus pais não colocaram isso como uma prioridade. A prioridade na minha casa era que eu deveria estudar, trabalhar, ter um emprego público, segurança. Ser funcionária pública, né? E eu acho que eu fiz esse “dever de casa” perfeitamente e não me arrependo. Ele me deu uma base. Quando eu conheci o Roberto (marido) foi tudo por acaso, porque o Roberto morava na Tijuca, era mais velho que eu uns cinco anos, já fazia universidade e eu fazia escola normal, morava em Copacabana...

A - Então você o conheceu antes da faculdade?

L - Eu ainda era normalista quando o conheci no meu prédio. Uma família que morava no meu prédio, que tinha três filhos. Um deles era militar e uma das moças fazia matemática – Malvina – e era colega de classe do Roberto da Faculdade Nacional de Filosofia, do curso de Matemática. Eu não tinha entrado na faculdade. Aí é o destino. O irmão dela fazia aniversário. Era ela, esse irmão mais velho que era militar e uma irmã mais nova que era Lúcia, a minha amiga. E a Lúcia fala: “Ai, Lia, pelo amor de Deus, minha mãe deixou eu levar você no aniversário do meu irmão mas ela deixou também a Malvina convidar uns colegas da faculdade embora não seja a festa dela. Vai ser chatíssimo, pessoal mais velho, pessoal da faculdade, nós não vamos ter assunto ...”. Eu realmente achei que ia ser chatíssimo e eu tinha uma educação muito repressora, nem pensar em sair à noite, de forma alguma, meu pai jamais admitiu e, até aquele momento, eu tinha tido um namorado oficial, que eles souberam, um namorico de férias em Petrópolis, que durou um tempo, depois acabou. Havia uma pressão por parte dos meus pais... isso sim é uma coisa muito clara, que qualquer namorado, qualquer relação tinha que ser com uma pessoa “do meu nível social”. Tanto é que meu primeiro namorado era de uma família rica, um pessoal cheio de dinheiro, então, não houve o menor problema com esse primeiro namorado. Depois, eu andei querendo ter uns namorados, um “cara ferrado”, “duro”, que foi – imagina! - procurar meu pai para pedir autorização. Aí meu pai chegou em casa: “Olha, minha filha, gostei muito desse rapaz, um rapaz muito correto mas pensa bem, minha filha, ele é ‘arrimo de família’”. Eu nunca vou esquecer esse termo, eu nunca tinha ouvido falar: “Eu sou arrimo de família”. E meu pai dizendo: “A mãe dele é viúva e ele ainda tem uma irmã, mora num ‘apertamentinho’ ali, no Largo da Glória, na Rua Cândido Mendes. Minha filha, pelo amor de Deus, esse rapaz não é para você.” E aí proibiu terminantemente o namoro. Claro que para mim, “terminantemente” foi uma coisa que nunca funcionou, tudo que foi proibido “terminantemente” eu fiz, claro que escondido! Mas acabei terminando com esse rapaz um pouco antes de conhecer o Roberto, que viria a ser meu marido. Bem, eu não queria ir a essa festa. Era um sábado, eu estava em casa estudando. Eu gostava de estudar, era ótima aluna sem nunca ter sido CDF, sem nunca ter sido a primeira aluna, sem nunca ter sido “puxa saco” de professor. Eu tinha prazer em estudar. E eu estava estudando, isso já era umas cinco, seis horas, minha mãe falou: “Puxa, mas você não vai à festinha do irmão da Lúcia?” Achei estranhíssimo porque eles não admitiam que a gente fosse à casa dos vizinhos, na casa

dos amigos, também não admitiam que a gente recebesse os amigos, essa família mesmo, no fundo, eles os achavam pobres embora eles morassem no mesmo prédio e tal, mas achavam que não estavam no “nosso nível”. Até parece que eles eram ricos, porque também não eram (Risos). Aí, bem, me vesti... eu lembro da roupa que eu vestia! Eu fui à festa e conheci Roberto, né? Ele ficou me olhando desde o início e antigamente essas festinhas era muito comum o famoso “arrasta pé”. E as moças e os rapazes de boas famílias, justamente porque a gente não ia para a rua, a gente fazia as festas nas casas das famílias. Até o carnaval... Petrópolis, que era lugar do pessoal de elite, de muita grana, havia bailes de carnaval maravilhosos, daquelas famílias ricas, muito ricas e eu cheguei a ir a alguns, frequentar alguns...

A - Mas eu desconfio que tenha uma guinada aí... o que é a sua entrada para a faculdade?

L - É... Eu acho que é uma guinada, eu acho que conhecer Roberto foi uma guinada na minha vida porque nós juntos estamos falando de famílias de classe média, de família de militares, família de comerciantes... o lado intelectual da minha família, é o lado paterno, que é esse meu avô que era médico, e esse meu tio que era advogado, mas meu pai e minha mãe, na verdade, tinham uma certa rejeição àquilo tudo porque meu avô foi, até morrer, e meu tio, integralistas e odiavam o Getúlio. Aquilo era uma tensão permanente porque o meu pai, na verdade, que odiava política e não queria fazer política - foi ser militar para não fazer política, para se livrar de uma história que ele viveu com o pai, porque o pai foi preso pela polícia do Filinto Müller, ficou um ano na cadeia – então, meu pai queria esquecer a política, mas veja o que é o destino: virou piloto do Getúlio e virou getulista, um grande admirador do Getúlio. Então, na verdade, a relação com a família do meu pai acabava sendo mais distante do que com essa dos meus avós que eram comerciantes, tinham dinheiro, mas eram pessoas sem grandes instruções. Meu pai era militar, um cara de carreira. A minha mãe era uma pessoa extremamente inteligente, tinha feito até a oitava série “no peito” porque tanto esse meu avô como essa minha avó não entendiam por que ela queria estudar... que ela não precisa estudar, que aquilo era uma “bobeira”, que aquilo era uma “besteira”, mas a minha mãe foi até a oitava série e sempre foi excelente aluna. Havia em

todos os lugares da minha casa um dicionário porque a minha mãe não admitia que a gente falasse errado. Quando se tinha dúvida numa palavra, parava tudo, e ia ao dicionário. Então são coisas que a minha educação de casa me legou mas não era uma educação sofisticada, intelectualizada ...e aí eu conheci o Roberto, quer dizer: quem era o Roberto? Roberto era do centro acadêmico, diretório acadêmico, da Faculdade Nacional de Filosofia, no auge dos anos sessenta, do governo João Goulart, das greves... impediram o Carlos Lacerda, que era o governador da Guanabara, de entrar numa formatura, que ele era o paraninfo... Então, o Roberto era ligado ao pessoal do partido comunista, embora não fosse filiado, associado a nenhum grupo. Era um momento de muitas reuniões de formação política e o Roberto começou a me chamar, começou a me levar... então, nesse mundo político, intelectualizado, o meu grande “guru” foi o Roberto Faria.

A - As pessoas sabem disso, Lia?

L - Eu acho que as pessoas não sabem disso. Nós temos agora uma mestranda, Marilyn ⁶, que está fazendo uma dissertação de mestrado sobre Roberto Faria. Trouxemos umas pessoas para serem entrevistadas e ela diz: “as pessoas só falam de você...”. O que acontece: Roberto era uma pessoa muito discreta, extremamente educado, um *gentleman*, e uma pessoa que nunca sentiu necessidade de ocupar a primeira posição. Era uma pessoa que tinha muita consciência do território dele, defendia o território dele, as opções dele com “unhas e dentes”, mas com uma mansidão... ele era...manso. Ele era uma pessoa muito estruturada, muito equilibrada e com uma autoestima elevadíssima, como eu conheço poucas. Sem nenhuma necessidade de se mostrar e com uma família intelectualizada. O pai e a mãe eram doutores, da universidade. O pai⁷ tinha sido vice-diretor da Faculdade Nacional

⁶ Referência à pesquisa da mestranda Marilene Alves Maia – ‘Contribuições de Roberto Faria: um intelectual transformador entre a prática docente e a prática política’.

⁷ Ernesto Faria Júnior, exímio humanista e latinista brasileiro, nasceu em 23 de maio de 1906. Foi autor de produção acadêmica variada, sendo ele o pioneiro na renovação dos estudos de língua latina no Brasil. Defensor fervoroso da "Pronúncia Restaurada" do latim, publica em 1933, aos vinte e sete anos, sua primeira obra de fôlego, a tese de concurso para a Cadeira de Latim do Colégio Pedro II, com o título: **A Pronúncia do Latim. Novas Diretrizes do Ensino do Latim**. Muitas outras obras seguiram a esta primeira, dentre as quais destacam-se: *Síntese de Gramática Latina* (1940); *O Latim e a Cultura Contemporânea* (1941); o *Latim Pelos Textos* (1942); *Gramática Elementar da Língua Latina* (1943); o *Vocabulário Latino - Português* (1943); a *Fonética Histórica do Latim* (1955); o *Dicionário Escolar Latino-Português* (1955), que saiu pelo MEC; e *Revista Simbiótica - Universidade Federal do Espírito Santo - Núcleo de Estudos e Pesquisas Indiciárias*. Departamento de Ciências Sociais - ES - Brasil - revistasimbiotica@gmail.com

de Filosofia, aplaudido de pé na Sorbonne, considerado pelos franceses como autor da principal gramática latina do mundo. Amigo de todos os grandes gramáticos e literatos franceses. Eles assinavam as revistas francesas, tinham uma biblioteca fantástica que era um cômodo inteiro, do chão até o teto... Roberto tinha várias fotos do pai com aqueles grandes intelectuais da época, inclusive com o próprio Sartre. Então, o mundo de Roberto era um mundo intelectual que me fascinava e eu entro nesse mundo através dele e da família dele. E também é um mundo da política ideológica, crítica, de esquerda, que eu também entro através da mão dele e, claro, no momento em que eu entro para faculdade... a universidade é uma grande escola de política, uma marca...

A - O que é a faculdade naquela época? A Faculdade Nacional de Filosofia (Universidade do Brasil)?

L - Na(Faculdade) Nacional de Filosofia, a maioria era de esquerda, militante, né? Eu tive professores fantásticos: Manoel Maurício de Albuquerque; no jornalismo, o professor Zuenir Ventura, que é um grande jornalista até hoje. O Gabeira foi meu professor, um jovenzinho, trabalhando no Jornal do Brasil, que aí de repente sumiu: aí nós descobrimos que ele tinha sequestrado o embaixador alemão. Aí ele sumiu mesmo...

A - Mas o que foi o Golpe então? Quando o Golpe de 64 chega à sua vida?

L - Eu estou acabando a escola normal. Eu estou professoranda, lá no subúrbio, pegando dois ônibus, acordando às cinco horas da manhã, com minha turma de cinquenta e quatro alunos, né? E “tô” fazendo vestibular para jornalismo, que era prova escrita, prova oral, prova discursiva. Eu passei muito bem, acho que tirei média oito e meio... fui segundo ou

a *Gramática Superior da Língua Latina* (1958). Em 1955, foi nomeado Professor Catedrático da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da UDF, hoje UERJ, onde lecionou até 1959. Diversos cargos de administração foram também exercidos por ele, podendo-se destacar o de Vice-Diretor da Faculdade Nacional de Filosofia da UB, atual UFRJ, empossado em abril de 1946, tendo sido reeleito várias vezes e nele permanecendo até sua morte, em 14 de março de 1962. [Disponível em: <http://topicosdelatinidade.blogspot.com.br/2011/11/ernesto-faria-eximio-humanista-e.html> - Acesso em 22/06/14]

terceiro lugar. Eu entrei para o jornalismo e eu confesso que muitas aulas eu não entendia nada. Eu me lembro, inclusive, que com o Eduardo Portela, lá pelas tantas, ele passou pela assessora dele e disse: “Não, essa turma não dá...” porque nós não entendíamos nada do que ele falava (Risos). Eu acho interessante a gente pegar esses pontos nas entrevistas e nas pesquisas com Maria Yedda (Linhares)⁸ para ver como a universidade era elitista, para ver como ela tinha razão, como a universidade era altamente machista, como Maria Yedda passou horrores dentro da Faculdade Nacional de Filosofia, e que ela inclusive pretendia abandonar a Faculdade Nacional de Filosofia porque ela não suportava mais. Em História, por exemplo, eram os catedráticos os “donos” das cátedras, então, na História do Brasil, o “dono” era o Hélio Viana. Era proibido colocar outra pessoa para falar de História do Brasil. Então, há também muito mito, muita ingenuidade em relação ao que foi a Faculdade Nacional de Filosofia...

A - Não foi essa revolução, essa incandescência toda?

L - É... ela era o espaço ...

A - Ou se tornou?

L - Se tornou, eu acho que devido ao governo João Goulart, as reformas de base, a reforma universitária... todo esse movimento da criação da UNB, Darcy Ribeiro com Anísio... isso começa realmente a “sacudir” o país...

A - Isso é interessante você falar, porque o Darcy Ribeiro quando formula a UNB ele diz: “Não é para ser a Universidade do Brasil”.

⁸ Essas entrevistas foram realizadas em parceria com Yolanda Lobo (UENF), sob o título ‘Memórias de Secretários Fluminenses de Educação’. Financiamento FAPERJ (2001/2).

L - Por quê? O que acontece é que dois grandes movimentos poderosíssimos surgem nos anos 60 no mundo inteiro: primeiro são jovens, isso se você pegar o processo histórico: jovens... hoje no Oriente Médio, são os jovens mais uma vez que querem mudança, que não estão satisfeitos com o que aí está e, naquela época, as mulheres também. Por exemplo, nos Estados Unidos, eram as mulheres e as mulheres negras. A principal liderança do movimento dos “Panteras Negras” era a Angela Davis. Então, vários movimentos aconteciam ao mesmo tempo, das mulheres, dos negros norte-americanos, Martin Luther King, o “maio de 68 em Paris”, “É proibido proibir”, uma série de experiências pedagógicas. São muitas ideias e pensamentos de transformação, de revolução, que estão acontecendo no mundo ocidental, na civilização ocidental. Como o Darcy Ribeiro diz, há épocas em que a história “abre a sua barriga e mostra as suas entranhas”, é uma expressão do Darcy. E ele diz que naqueles anos 60 a história “abriu a sua barriga e mostrou as suas entranhas”. E ele define essa geração como uma geração extremamente generosa: que dava o próprio sangue, que morreria pelo país, pela nação, pelo “paz e amor”, por um mundo mais justo... Então, foi uma época de muita efervescência. E, olha, na medida em que um lócus, um espaço, um território da universidade possibilita essa união, essa agregação de jovens, é evidente que através de alguns professores, que não são todos, você cria também um espaço de grande discussão e reflexão política, mas não só: paralelamente, havia vários espaços acontecendo. A gente era chamado, a gente era convidado, a gente era convocado, para os cursos de formação política, com jornalistas, intelectuais, professores... totalmente gratuito.

A - Onde eram esses cursos?

L - Na ABI (Associação Brasileira de Imprensa), na OAB (Ordem dos Advogados do Brasil), em várias salas, em cursinhos pré-vestibulares, havia pessoas fazendo política e convocando a juventude para fazer política. Você tinha um movimento muito grande, secundarista, da UBES (União Brasileira dos Estudantes Secundaristas), vai morrer inclusive aquele Edson Luís, né? A luta toda pelo “Calabouço”, pelo refeitório... eles depois querem fechar o “Calabouço”, que era um lugar que todo mundo se reunia também e os próprios diretórios, né?

A - Lia, você tem um segundo curso superior. Você se forma jornalista e depois retorna para fazer História?

L - Na verdade, eu não retornei, eu continuei porque aí realmente o país foi aloprando... quando houve o golpe de 64, nós não acreditamos que era “pra valer”. Nós não acreditamos...

A - Só foram acreditar em 68?

L - Em 68 a gente começou a acreditar, né? Quer dizer a gente não acreditou... mas, claro, trabalhar em jornal se tornou impossível. Trabalhei no “Diário Popular de São Paulo”, que era na Avenida Presidente Vargas. Eu fiz um estágio no Jornal do Brasil, comecei a tentar fazer alguma coisa no jornalismo, mas inclusive para as mulheres era difícil. E o mais difícil, as mulheres eram profundamente desrespeitadas no local de trabalho pelos colegas homens. Principalmente pelos patrões. Naquela época, eu vi coisas inacreditáveis, eu flagrei uma colega minha de faculdade que entrou na sala do patrão e ela estava no colo dele e o patrão passando as mãos nas pernas dela. Depois, nós fomos com esse mesmo grupo, num dia 31, numa “boatezinha”, “inferninho”, como muitos falavam, aqui em Copacabana, na Rua Ronald de Carvalho onde havia várias “boatezinhas” e eu me lembro que a gente sentou naqueles sofás, assim em que sentava todo mundo junto, e Roberto, de um lado e, de outro lado, esse meu chefe do “Diário Popular de São Paulo”. Lá pelas tantas ele botou a mão assim por trás do meu ombro e pegou um gelo e colocou dentro do meu sutiã... aquilo foi derretendo, eu, gelada e imóvel, porque se eu demonstrasse para Roberto o que estava acontecendo, eu ia acabar com o ‘31’ não só meu, como de Roberto, como de todas as pessoas que estavam presentes. Claro que eu dei um jeitinho da gente ir embora mais cedo... dei um jeitinho, depois, de levantar para ir ao banheiro e mudar de lugar, mas isso é para você sentir o nível de desrespeito. Era tipo assim: quem ascendia, entre aspas, era porque “dava” para o chefe. Hoje, essa garotada, esse pessoal que trabalha com a gente na universidade, eles não têm a menor ideia do que era ser mulher nos anos 60.

A - Então, eu quero falar um pouquinho da sua tese. Nós vamos fazer um “salto histórico”, você já defendendo sua tese de doutorado...

L - Até porque não deve ser à toa que eu tive que fazer essa tese, né? Tá em nome desse gelo derretendo...

A - É um “salto histórico”... mas depois nós vamos retornar porque eu quero pensar você em Nova Friburgo e muitas coisas que acontecem ...

L - É como você disse: é um “salto histórico”. Eu estou me formando em 67, vou para História, né, e emenda com a tese...

A - Quem é essa mulher e essa professora, mais especificamente, que está se descobrindo nos anos sessenta?

L - É, eu acho muito legal você fazer essa pergunta, Adelia, porque a minha dissertação de mestrado no Instituto de Estudos Avançados em Educação (IESAE-FGV-Rio), lamentavelmente fechado, no período Collor, pela Celina Moreira Franco, à época casada com Moreira Franco. Eu acho um crime ter fechado o IESAE, era o melhor curso de Mestrado em Educação do país, vinha gente do país inteiro, gente de fora do Brasil! O meu orientador foi o Gaudêncio (Frigotto) e o subtítulo da dissertação era: “Quem é esta mulher que se torna professora?”. Na verdade, uma coisa que você apontou há pouco, não é à toa que eu gosto do Gramsci, que eu gosto muito dessa categoria do “inventário”, “conhece-te a ti mesmo”... eu já fiz terapia quatro vezes, que é um autoconhecimento, né? Talvez quando eu disse: “eu queria ser livre, eu quero ser livre...”, para você ser livre, o seu maior inimigo pode ser você mesma, você tem que se conhecer, né? Os chineses, os orientais acreditam nisso. Mais importante que conhecer o adversário é conhecer a você próprio. Então, quando eu faço essa dissertação do mestrado “Quem é esta mulher que se torna professora?”, eu vou

estudar essa minha geração, essa turma de professoras que vão pegar a Silveira Amaral⁹ em 64, que estão completando, nesse ano, 50 anos de magistério...

A - São 50 anos de muita coisa, né? 50 anos da sua turma, 50 anos do golpe militar no Brasil, são 40 anos da Revolução dos Cravos, em Portugal...

L - Parece que 30 anos do movimento das *Diretas Já*, da Lei do Dante de Oliveira...

A - É um ano pleno de significados...

L - Eu acho que foi uma geração muito utópica, muito idílica... quer dizer, “Quem é essa mulher que se torna professora?”. Eu entrevisto várias mulheres e começo a entender melhor o que era aquela escola normal e o que foi para aquela mulher dos anos 60 se descobrir, se auto-superar. Até chegar ao meu doutorado, na UFRJ, numa linha de pesquisa em “educação e sociedade”, em que eu vou trabalhar as ideologias e utopias dos anos 60, mas também sob esse olhar feminino, porque eu vou me apercebendo, já nos anos 90, aí já vem a questão do neoliberalismo, da globalização, os governos de Fernando Henrique... aqueles sonhos, aquelas ingenuidades começam se acumular em decepções e frustrações, inclusive, com lideranças, com pessoas em que a gente acreditava. Então, na verdade, a gente percebe que “o buraco era mais embaixo”, que é uma questão cultural, que é uma questão das estruturas do país, da história do país, da gênese e da genealogia do país e que não ia ser assim num “sopro” que as coisas mudariam... então, eu acho que essa tese de doutorado era uma tentativa de entender quem éramos nós, quem era essa geração. Tem um texto que é um clássico do Luciano Martins, que se chama “Geração A15” e ele mostra as consequências terríveis da ditadura que até hoje não foram suficientemente estudadas e essa é uma cobrança que eu faço aos pesquisadores: nós temos que entender agora o que nos aconteceu por vinte e cinco anos de silêncio, por vinte e cinco anos de ditadura militar... esse é um texto que dá várias pistas. Entre as consequências graves, gravíssimas, de que ele

⁹ Referência à Escola Normal Inácio Azevedo Amaral (Estado da Guanabara).

fala, ele se refere à questão da “desarticulação do discurso”. Como as pessoas silenciaram, elas desaprendem a falar, argumentar, falar em público, confrontar, né? As pessoas acuaram. Elas desaprenderam a usar a palavra: a palavra falada, a palavra escrita. Isso foi proibido durante vinte e cinco anos! Ele cita três fatores gravíssimos que nós fomos profundamente responsáveis e cúmplices: o uso “porra louca” que a nossa geração fez da droga, como se a droga fosse uma brincadeira. A droga está aí, com os cartéis, com as UPPs, com Medellín. O tráfico tomou conta do mundo e veio dessa visão idílica dos anos 60: “paz e amor, bicho”, muita droga, muita cocaína, muita maconha. E outra coisa que ele também coloca como um fator preocupante, muito interessante, esse texto dele é brilhante: é a “onda psicanalítica” que tomou conta do mundo. Claro que se você não podia ser mais coletivo, se você não podia mais ser ideológico, se você não podia mais construir utopias coletivas, você parte para uma questão psicanalítica muito perigosa que é você focar em si próprio: “você é importantíssimo”, “você tem que ter prazer”, “você tem que ser o máximo”, “você tem que resolver tudo que estiver à sua frente e os outros que estiverem te atrapalhando, você atropela”. Então é preciso também refletir profundamente qual foi o papel da psicanálise nesse sentido.

A - Em qual sentido?

L - Ela foi uma droga, claro. Ela foi uma droga. Então, se você pensar, fora do Estado de Exceção, fora da ditadura, eu pegaria esses três fatores que o Luciano Martins fala: a droga, a desarticulação do discurso e o modismo psicanalítico, ele fala, como características profundas...

A - Da sua geração, Lia?

L - E do próprio sistema capitalista, né? Desse sistema capitalista perverso, dessa lógica do mercado, dessa sociedade do consumo. Você tem que alienar a sociedade. Você tem que transformar a sociedade em uma sociedade profundamente egocêntrica, que só olha para o próprio umbigo, muito individualista, que não vê o outro, né? Quer melhor do que a droga

para você se alienar? Do que o modismo psicanalítico em que você só fala em você, só pensa em você, “porque papai e mamãe”, “porque não sei o que, papapa...” e você não cresce, não amadurece, não se torna uma pessoa adulta e não se torna um cidadão. No sentido de uma pessoa, um ser humano coletivo, útil à sua sociedade. Porque a psicanálise não te torna útil à sociedade. Ela não te transforma em cidadão. A droga, muito menos.

A - Essa reflexão sua só foi possível depois, a *posteriori*, suponho... quando você ainda está vivendo esses anos duros, há um momento em que você e sua família optam por sair da cidade do Rio de Janeiro. Eu queria entender melhor esse momento...

L - Engraçado que hoje um amigo de Roberto me pediu para escrever... “Lia, o que significou a ‘Fazenda Boa Sorte’ para você e Roberto?”. Eu escrevi um textinho hoje para ele de cinco linhas e eu disse: “Olha, Wilson, a ‘Fazenda Boa Sorte’ significou o sonho de uma geração”. O que dizia Elis Regina, as músicas da Elis? “Quero as cabras e os carneiros pastando no meu jardim”. Era uma visão idílica de “paz e amor, bicho”, em que você se integraria à natureza e seria um mundo de paz, justiça social, coletiva, sempre coletiva, profundamente integrado à natureza. Havia uma questão ambientalista, ecológica aí, uma integração com a natureza, né? Então eu acredito que a “Fazenda Boa Sorte”, quando a gente saiu do Rio, quando houve a fusão dos dois ex-estados: o ex-estado da Guanabara e o ex-estado do Rio de Janeiro, cuja capital era Niterói, em 1975, nós tivemos a oportunidade de sair do Rio, porque eu e Roberto éramos funcionários públicos, vai haver uma opção: quem quer ficar no estado, quem quer ficar no município, e Roberto tinha esse grande sonho de ter uma propriedade rural, de ir para o meio rural, Roberto veio da geração de 50, um pouco a geração anterior à minha. Roberto é mais anos 50 do que anos 60. É uma geração um pouco *cowboy*, né? John Wayne. Eu me lembro que Roberto sempre teve mania de chapéu. Ele chegou a fazer, por exemplo, um cinturão com um coldre, para usar revólver. Quer dizer, quais os presentes dos meninos? O máximo do presente dos meninos era cavalinho, o máximo dos presentes dos meninos era um coldre com revolver.

A - E você, Lia? Urbana, Copacabana, Avenida Atlântica, olhando para o mar sem fronteiras... quem é você que vai para o interior, para uma fazenda ...

L - Eu acredito que Roberto e eu aprendemos muito um com o outro. Foi uma relação de muita partilha, muita troca, muito diálogo. E tensa também, né? Porque homens e mulheres sentem, pensam, amam diferente, em ritmos muito diferentes... Roberto como um bom geminiano, né? *Slow*... às vezes devagar quase parando...

A - E você?

L - Eu sempre enlouquecida, atacada, psica... talvez a principal coisa que eu tenha aprendido com Roberto, o traço mais importante da nossa vida, foi a minha integração com a natureza porque, na verdade, eu era uma pessoa criada de meia e sapato, o tempo todo. Eu nunca andei descalça. Eu jamais comi uma fruta com a mão, eu aprendi a comer banana, com quatro anos de idade, com garfo e faca... Então, isso é alguma coisa que não tem preço, né? Você pisar na terra, você pegar a laranja, a manga: chupar, sentir a natureza... Roberto era uma pessoa que tinha uma integração, uma harmonia com o cosmos, com a natureza, uma coisa fantástica, era uma coisa dele, essa paixão pelo campo. Aquela “Fazenda Boa sorte”, aquele projeto, como Roberto sempre disse, era um projeto da família, era um projeto nosso. Não era um projeto só dele, mas inegavelmente a grande paixão pelo campo, a grande interação com o meio, era dele e eu aprendi a gostar do silêncio, eu aprendi a conviver com a natureza e hoje eu digo mais: eu sinto falta dessa interação com a natureza. Porque nos grandes centros urbanos a vida é muito perversa, é muito desequilibrada. É poluída em todos os sentidos, então eu sinto falta.

A - Vocês estavam no município de Nova Friburgo?

L - Não era bem Nova Friburgo. Eram cinquenta quilômetros de Nova Friburgo, era Trajano de Moraes. Eram trinta e três quilômetros de terra, quando a gente comprou, não tinha luz. A casa não tinha sequer vaso sanitário. No banheiro, só tinha um chuveiro e era em cima do

córrego, uma casinha de madeira com um buraco. Eu me lembro que no primeiro dia que nós fomos visitar a dona da casa que nos vendeu a propriedade, ela nos deu um rolo de papel higiênico e nós fomos - eu e mais uma colega que estava indo com a criança - nós deixamos o rolo de papel higiênico cair pelo buraco, entendeu?

A - Os três filhos pequenos? Não... porque tem um que é temporão, né?

L - Quando nós fomos, na verdade, nós tínhamos dois filhos. Nós tínhamos um casal, que é Adriana, a mais velha, que tinha sete anos e o Paulinho, que tinha quatro anos. Todos os familiares, nossos amigos, pessoal progressista de esquerda disse que a gente enlouqueceu, que a gente surtou, onde já se viu vender apartamento, vender tudo e “com a cara e a coragem” começar a vida em outro lugar? A família de Roberto tinha uma casa em Nova Friburgo, no centro, depois, nós moramos nessa casa, nos transferimos e fomos trabalhar em Nova Friburgo, nossos filhos foram estudar em Nova Friburgo. Foram oito anos maravilhosos, tive mais esse filho temporão, que é o Ernesto: tem uma diferença de dez anos para Adriana e sete anos para o Paulinho. E foram anos fantásticos porque daqui a pouco a roda da política começou a se desenvolver...

Le - Deixa eu te falar uma coisa... eu queria fazer umas perguntas. Eu queria falar mais de magistério porque eu acho que você falou pouco. Lia, quando a gente estava falando do seu livro, esse livro das utopias, onde você descreve essa trajetória das mulheres professoras, que se tornaram professoras, eu ainda fiquei curioso para saber a resposta: quem é essa mulher que se torna professora? E essa pergunta ela vem com um motivo, vem com um valor agregado aí. Quem é essa Lia Faria que se torna professora e que depois vem refletir sobre a história dessas mulheres? Qual é o seu lugar nessa história que você estuda no seu mestrado?

L - É, veja bem, a Maria Yedda (Linhares) numa entrevista disse assim: “A gente acaba sendo o que a vida também permite que a gente seja.” porque ela diz assim: “Ah, que você escolheu ser professora de História...” Não. Ela contou que o pai teve que sair do nordeste, [Revista Simbiótica - Universidade Federal do Espírito Santo - Núcleo de Estudos e Pesquisas Indiciárias. Departamento de Ciências Sociais - ES - Brasil - revistasimbiotica@gmail.com](mailto:revistasimbiotica@gmail.com)

que era mais fácil ser professor... como eu: fui fazer História porque não dava para ser jornalista e fiquei na Educação e não me arrependo, adoro, é minha paixão política. Roberto, meus amigos, todos eram professores. Mas olha o que você fala: quando eu, no mestrado e no doutorado, entrevisto várias mulheres, todas elas professoras, ou 99,9% professoras, com esse “recorte” do feminino, do gênero, eu vou percebendo que várias questões que vêm das nossas mães, das nossas avós ... eu gosto muito dessa ideia de trabalhar com rupturas e permanências, o que o Gramsci fala: “todo homem é conformista de alguns conformismos”, o que eu percebo: que ninguém rompe tudo de repente, né? Gramsci fala assim: “o novo nasce do velho”. Você mudar comportamento, mudar uma cultura do feminino, do masculino, isso é difícil! Eu vejo meu filho mais novo hoje, ele vai ao supermercado, ele leva cachorro pra passear, ele dá banho na filha, mas não era tão comum! As mulheres da minha geração, por mais que a gente tenha se liberado, ainda era muito focada nos serviços domésticos, nas obrigações do lar, da casa. Outra coisa que a gente viu, esse problema das separações, né? Os casamentos não solidificavam; os casamentos não permaneciam, porque o modelo que a gente conhecia era aquele modelo que estava no livro didático: a mulher de avental fazendo bolo, o marido trabalhando; quando ele chegava, ele sentava e lia o jornal e ela servia o jantar. E as mulheres não queriam mais isso! Então, esse diálogo entre homens e mulheres... eu sempre digo nos meus estudos: para haver uma nova mulher é preciso haver um novo homem. Como criar essa nova mulher e esse novo homem? Veja bem, se não se discute com os professores a questão de gênero, se há um silêncio sobre essas questões na formação de professores... porque hoje você fala: “as famílias”, você não pode pensar mais na família (singular), são vários modelos, inclusive de sexualidade, nem só homossexual X heterossexual. Eu fiquei vendo um vídeo ontem que fizeram na Paraíba, perguntando às pessoas: “Você sabe o que é heterossexual? Você é heterossexual?”. Os homens diziam: “Deus me livre, eu não sou heterossexual!”. Quer dizer, a falta de educação faz com que as pessoas sequer saibam minimamente o que as palavras querem dizer; o que elas significam. Então, o que eu percebi, Leo, nessas mulheres que eu entrevistei, é que muitas carregavam aquelas marcas, aquele “ranço” que vinha das suas avós, das suas mães. Quer dizer, muitas vezes a mulher se “libera”: vai estudar, vai trabalhar, vai ganhar seu dinheiro, mas ela introjeta uma culpa, um pecado, uma submissão, muito do feminino. Quer dizer, para o homem, continua sendo tudo permitido: o homem ser “galinha”, o homem ter várias

mulheres: “ah, ele é machão”, a mulher é “vadia”, “vagabunda”, é “periguete”, então, realmente essas questões ligadas ao desejo, ao corpo, à sexualidade, a meu ver, avançaram, na verdade, se a gente pensar de forma aprofundada, muito pouco, né? Tem outro texto brilhante que o Darcy Ribeiro adorou, é o único texto que ele cita da minha dissertação de mestrado, porque ele foi da minha banca de mestrado e doutorado, é de um comunista espanhol, de alguma revista do partido comunista espanhol, o nome do texto é a *Dialética do desejo*, de Enrico Duro, é um texto fantástico em que ele mostra como o capitalismo precisa aprisionar o corpo, como o capitalismo precisa domesticar, domar o corpo. E uma coisa perigosíssima você ser liberado, você usar plenamente sua sexualidade, usar como você quiser a sua liberdade sexual. Eu acredito que são temas que ainda não se discutem na escola. São temas que as próprias famílias, de uma forma ou de outra, ocultam. E aí o que acontece? Aí veio a AIDS e é uma desgraça porque a AIDS cria vários mitos, né? Que é dos permissivos, que é dos que têm vários parceiros, que é ligada à prática homossexual que se associa à violência. Eu vi um documentário ontem que chegou numa hora eu parei porque eu estava me sentindo mal, quase vomitando, sobre a questão da pedofilia nos Estados Unidos e na Irlanda, dos padres pedófilos... uma coisa que se arrastou quarenta, cinquenta anos, séculos e que ninguém fez absolutamente nada! Foram milhares de crianças molestadas. Então, eu me pergunto: esses professores, essas pessoas que eu entrevistei, essas educadoras, várias me mostraram que tinham grande dificuldade com a questão da homossexualidade, por exemplo. Então, são modelos que as pessoas definiram para você: “você vai ser professora; você vai fazer o dever de casa, você vai fazer isso assim, assim e ponto.”

Le - Então deixa eu te perguntar, o magistério, naquele momento, para você, representava uma estratégia de liberdade ou uma aceitação do horizonte possível para as mulheres da sua geração?

L - Eu acho que o magistério era extremamente reprodutor. Era um espaço confortável, de conforto para as mulheres, principalmente, mulheres brancas, mulheres de classe média. O que hoje mudou completamente porque a escola “enegreceu”, estou falando da escola

básica, educação básica, escola pública, tanto o público, o acesso, que vêm dos anos noventa: o maior número de crianças negras, mestiças, até então excluídas, dentro da escola, como os professores que chegam são negros, mestiços, também de classes populares, trabalhadoras até então excluídas, pessoas que não vão ser empregadas domésticas e vão ser professoras primárias, né? E tem a questão étnica, num país escravocrata. Vêm todas essas leis que criminalizam o preconceito, mas não modificam o comportamento e cultura. O que modifica o comportamento é educação. E a gente vai observar que há vários trabalhos que comprovam que a escola, a professora, é extremamente conservadora. A Maria Yedda (Linhares) falava demais isso, que ela ficou impressionada - porque ela não tinha grande contato com a educação básica, com a escola, ela era professora universitária - quando ela percebeu a resistência daquela categoria profissional. O professor, e principalmente a professora, porque ainda é uma profissão muito feminina, ela resiste profundamente à mudança.

A - E é ela que forma as pessoas, né?

L - É ela que forma ou deforma, né? Eu trabalho a questão de gênero há mais de trinta anos, o feminino, o olhar da mulher sobre a mulher, e tem uma autora francesa que eu gosto muito, ela diz: “Há oprimidas que oprimem.” Então você observa a professora de uma forma geral: ela vai oprimir os alunos, ela vai oprimir o funcionário da escola. As patroas vão oprimir as empregadas, né? Uma coisa que eu acho que pode ser uma libertação para o Brasil, que está começando a mudar o Brasil e que, a meu ver, é importantíssima para a libertação das mulheres, até para a gente discutir quem é essa “nova mulher” e esse “novo homem”, que é essa questão da empregada doméstica. A partir do momento que ela está sindicalizada e que ela vira um trabalhador como qualquer outro, com todos os direitos, as pessoas vão ser obrigadas a começar a lavar o próprio prato, a lavar o próprio copo, o próprio carro, a lavar suas roupas, coisas que pessoas da minha geração e da minha classe social não faziam! Eu casei com vinte anos, eu nunca lavei uma peça de roupa! Eu não sabia coar um café! Gramsci também fala sobre isso nas burguesias, nas classes médias, ele fala que os filhos da classe média e da burguesia são “mamíferos de luxo”. Quer dizer, nós

somos criados como “animais de luxo”. Você vê a obesidade no mundo, você vê a obesidade nas crianças, nos jovens, com esses *fastfoods*, com essa educação nutricional irresponsável. E o que as famílias, os professores e as professoras, as escolas estão fazendo a respeito dessa alimentação? Eu me pergunto que educação nós estamos tendo? Que libertação da mulher é essa? Qual é essa libertação da mulher? Será que essa mulher realmente está de posse do seu corpo? O que aconteceu? As mulheres ficaram sozinhas e os casamentos fracassaram. Você pega vários estudos hoje, principalmente nos lares pobres, o chefe da família é a mulher. Ela é o cabeça do casal; tanto é que uma série de políticas públicas hoje visa à mulher, dos direitos, dos recursos irem para a mulher e não mais para os homens. Houve uma inversão de papéis, mas não se discutiu suficientemente. Eu acho que hoje tinha que se focar o homem: quem é esse homem? Porque para existir uma nova mulher tem que existir um novo homem, né? Marx tem um pensamento fantástico que abre a minha dissertação de mestrado em que ele diz: “Na relação natural necessária humana está a relação homem-mulher. E quanto mais natural se fizer essa relação ... o que ele quis dizer é mais ou menos isso ... mais você terá atingido a sua humanidade.” Isso nada tem a ver com opção sexual. Isso tem a ver com a raça humana. Porque nós somos de uma mesma espécie: a espécie humana, que é formada de homens e mulheres, né? Mas e essas professoras? Agente está perguntando: o que é magistério? É libertador? Não é mesmo! O magistério não é um espaço libertador.

Le - Mas naquele momento ele era o único espaço de atuação viável para as mulheres na vida pública?

L - Principalmente pelo fato também, Léo, da ditadura. O que eu te contei do jornalismo? O que eu fiquei chocada no jornalismo? Isso eu gostaria até de fazer um parêntese, quer dizer: eu, na profissão magistério, eu me sentia dignificada. Eu me sentia respeitada porque o magistério ainda tinha um *status* e um poder social. Ele ainda tinha um reconhecimento social.

A - A mulher professora não era a “vadia”...

L - Não, outra coisa. O Darcy Ribeiro adorava dizer... sabe o que ele dizia? Os homens queriam ser marido de professora, a professora era um “bom partido”. Eu tinha um valor social. E o que era ser jornalista? Para eu entrar na sala e encontrar minha amiga no colo do patrão? O patrão achar que pode meter gelo no meu sutiã? E outra coisa, o espaço do magistério é o espaço da família, é a continuidade da casa, do lar. Você está com criança, você está com jovens, com adolescentes. É um espaço muito feminino.

215

A - Não é transgressor? Não há transgressão?

L - Não há transgressão, mas aí também eu digo: é um espaço “careta”, é um espaço conservador, é extremamente reprodutivista. Ele reproduz né? Olha quando eu falo das rupturas e das permanências... a escola é muito pouco libertadora.

Le - Durante a ditadura você dava aula de História?

L - Sempre dei aula de História. E desses movimentos todos que eu te falei, da mulher, do negro, da América Latina em plena ditadura... eu me lembro que era o governo do Chagas Freitas, cujo secretário (de Educação) era Arnaldo Niskier e, num dia, ele chegou na nossa escola, que era o Colégio Estadual Jamil-El-Jaick, Nova Friburgo, que era um colégio “super pra frente”... eles viviam demitindo professores, dando ordens na diretora, perseguindo a gente, e o Arnaldo Niskier foi lá fazer uma visita, não deve ter sido por acaso, foi direto na nossa escola, que tinha um “mega mural” sobre a América Latina... ele mandou tirar aquilo tudo, arrancar aquilo tudo!

Le - Como era a sua aula de história nos anos 60?

L - Ah, eu me lembro que um dos principais livros que eu trabalhava com os meus alunos era o do (Eduardo) Galeano, “As veias abertas da América Latina”. Eu falava o tempo todo do Brasil, com esse olhar que eu nem sabia... porque eu nem tinha lido nada do Darcy Ribeiro... mas com o olhar que os meus professores de jornalismo, antes de serem cassados, expulsos, exilados, me deram. Um olhar que, de certa forma, eu tive na formação política com Roberto (marido), o olhar das pessoas do grupo de Roberto, pessoas mais velhas, muitas pessoas do Partidão, depois, do sindicato, pessoas mais politizadas, pessoas que já faziam política há muito mais tempo do que eu e que eram filiadas a movimentos, a partidos, coisa que eu nunca fui... Então, eu também fui adquirindo uma consciência política e uma ideologização que eu não possuía, né? Por isso que em 1979, quando vem a greve dos professores e tudo, eu já estava “pronta”, mas eu não sabia. Eu acho que é todo um processo dessa Lia Faria que é uma pessoa pública, que é uma pessoa coletiva. Porque as pessoas diziam: “Ah, a Lia de Friburgo, a Lia do SEPE, a Lia do PT.” Até hoje, as pessoas falam porque é a Lia, é marca. Você vê como a Lúcia Teresa (professora e mestrande) me chama: liderança, liderança! Essa é a imagem que ficou daquele final dos anos 70 e início dos anos 80 em que havia muita esperança no ar, a esquerda ainda estava unida, a gente pensava ainda naquele projeto de nação, naquele projeto de sociedade, né? E eu acho que o Brizola e o Darcy (Ribeiro) tiveram um papel importantíssimo nisso. Mas, infelizmente, eu acredito que a gente não soube aproveitar, né? A academia “virou as costas”, o PT “bateu” enquanto pôde (no Brizola), o que me levou nos anos noventa a sair do PT, nos inícios dos anos noventa eu saí do PT, quando eu fui ser Secretária de Educação em Niterói, no governo do PDT, no governo do Jorge Roberto Silveira. Eu vi que não tinha mais lugar pra mim dentro do PT. Eles viraram a “verdade absoluta”, se achavam melhores que todo mundo... o PT não reconheceu nada feito pela esquerda antes, o passado, a memória ...

Le - Sua fala é permeada pela temática da memória. Vamos explorar mais esse conceito. Vamos falar das memórias da Lia Faria professora... seus ex-alunos de muitos anos atrás quando te encontram, falam, sobretudo, da sensação de liberdade que você apresentou para eles. Ou seja, você, enquanto professora, você fez uma transgressão. E eu quero entender como se dá esse processo, como começa essa Lia professora e transgressora, né?

Essa Lia que, por exemplo, vai para o interior do estado para poder ser professora e para começar uma vida perto da natureza... ela muda a cabeça das pessoas da escola?

L - Nossa, gente, Friburgo foi uma loucura. Nós ajudamos a construir o primeiro movimento da mulher. Levamos a Lélia Abramo, que foi uma grande atriz, paulista, uma senhora. Levamos a Lélia Gonzalez, uma negra, professora da PUC, socióloga, professora de Ciências Sociais da UERJ, uma mulher fantástica! Levamos o Joel Rufino, levamos o Afonso Carlos (Marques dos Santos), de História da UFRJ, que era uma das pessoas mais inteligentes que eu já conheci, fizemos curso de política, fizemos curso de História do Brasil, fizemos “Semana da América Latina”, inclusive com a culinária da América Latina! Fomos para o movimento negro, criamos, ativamos o movimento negro, demos uma visibilidade, porque eu era a única branca que participava do movimento negro, né? A gente invadiu a Câmara de Vereadores várias vezes! Nós invadíamos com megafone o principal supermercado da cidade que era o ABC, denunciando os preços altos... então, foi um movimento de redemocratização, de liberdade coletiva, de luta pela democracia, fantástico! Pelo sindicato, o SEPE, o sindicato dos professores, e pelo PT, o Partido dos Trabalhadores, que era o partido a que eu era filiada, eu era do diretório regional. Foi um momento em que eu me construí enquanto liderança, enquanto figura pública, enquanto um ente político coletivo. Eu descobri em mim, de fato, uma capacidade de liderança, uma capacidade de oratória, uma capacidade inclusive de sedução política sobre as pessoas, que me assustava profundamente. Porque eu percebi o poder que aquilo tinha! Tanto é que quando eu vim para o Rio (de Janeiro) em 83 para trabalhar com o Darcy, eu fui fazer terapia. Porque eu não estava conseguindo “segurar a onda”, daquela nova mulher, daquele novo ser que saía, sei lá, parece que estava enjaulado, e que saiu que nem aquela macaca que vira gorila! É essa a imagem que eu tenho, entendeu? A mulher gorila. Virei a mulher gorila e saí feito doida, entendeu? Crise dos quarenta, tudo... Roberto ficou em Friburgo, eu no Rio com três filhos. Meu pai “em cima de mim”, foi uma coisa de louco. Eu tendo que encarar, confrontar meu pai, que eu nunca confrontei, sem o apoio do Roberto que sempre foi meu grande companheiro de todos os dias, meu “porto seguro”, que só vinha no final de semana. Uma filha adolescente, quinze anos, uma adolescência difícilíssima, rebelde, tinha uma dificuldade de relacionamento comigo, porque ela era uma criança, uma adolescente infanto-juvenil

diabética, que já isso por si só é altamente complexo. Com meu pai e minha mãe o tempo todo falando mal de mim e do Roberto, vinte e quatro horas, então, a Adriana, minha filha, ficou cindida entre dois modelos. Paulinho, com doze anos, estranhando horrivelmente a escola aqui e teve que voltar pra lá. Depois de seis meses Roberto falou: "não vai dar certo" e levou ele de volta. Roberto foi morar na fazenda, não morava mais em Friburgo. Paulinho morando com Roberto na fazenda, eu com Adriana e Ernesto, com cinco anos, que nunca tinha ido à escola. Ernesto foi criado na fazenda, em lombo de burro, né? Uma vida livre até porque nós não quisemos que ele fosse para a escola, para a escola não estragar meu filho, entendeu? Eu botei meus dois filhos mais velhos com dois anos e meio na escola porque eu precisei, porque eu morava num grande centro urbano. Agora, numa cidade do interior, com irmãos mais velhos, morando numa casa, numa propriedade rural com sessenta alqueires, pra que escola? Qual escola? Essa que castra? Que nenhuma linguagem artística está presente? Que manda colorir dentro do desenho? "Tô fora"! E quando Ernesto foi para a escola pela primeira vez, uma escola conceituadíssima, a Gabriela Mistral, na Urca (Rio de Janeiro), eu me lembro que num dia ele chegou em casa e disse assim pra mim, tinha cinco anos e meio, primeira vez que ele ia à escola, ele disse: "Mãe, eu acho que essa escola não é de criança". Eu falei: "Ué, por quê?". "Porque a professora grita o tempo todo e não deixa a gente falar." E eu contei isso para o Paulo Freire! Eu tive a felicidade de conviver com Paulo Freire, com Darcy Ribeiro e ser amiga dos dois. E o Paulo Freire falou: "Nossa, vou usar isso nas palestras, vou usar isso num livro. E você vê, Lia, a percepção do seu filho!". Uma criança nascida no interior, esse friburguense, o resto tudo carioca, e ele está habituado a falar e ser ouvido, ele está habituado a ser tratado como criança porque o adulto tem que tratar criança como criança, né? E a professora gritava e não deixava ele falar. E isso numa escola modelo, padrão. Então, depois, ele foi fazer alfabetização numa escola pública, porque eu fiz questão que os meus três filhos passassem por escolas públicas. Todos os três passaram pela escola pública porque eu acho que a escola pública é o grande espaço, o grande lócus dessa política coletiva, democrática, republicana que forma o cidadão, mesmo com todos os seus equívocos. Então, de fato, eu acho que a escola ainda reproduz um modelo de uma sociedade "careta", perversa, do "faz de conta", da representação e, hoje, com essa lógica do individualismo em último grau, "salve-se quem puder", da sociedade de consumo, sinceramente, a escola quer educar para quê? Para vencer, para competir, para ser melhor?

Eu não sei o que significa isso, eu quero uma escola que ensine você a ser feliz, a respeitar o outro, a desenvolver suas habilidades artísticas, a desenvolver o seu potencial. Em que momento, em que espaço, a escola desenvolve o seu potencial? Em que momento a escola desenvolve sua capacidade de pensar, de refletir, de articular esse discurso que foi desarticulado durante a ditadura? Por que aí veio a lei da ditadura que criou os departamentos, as universidades com essa coisa de crédito. É uma loucura, você não tem nem a sua turma! É uma “coisa pingada”. Agora, com a nova lei, inclusive, permite que duas disciplinas sejam à distancia. Eu vejo a minha neta, ela faz sete disciplinas, duas são à distancia, ela sozinha na frente do computador. As outras cinco cada dia tem um grupo diferente. Então, ela não tem uma turma!

A - Eu ainda quero saber de você em Friburgo, a ditadura, a redemocratização, essa roda política...

L - É nós estamos ali, todo mundo silenciado, calado, o “pau comendo” e eu me lembro que a gente ajudava muitos colegas que estavam na militância mesmo: pessoas que tinham sido presas, torturadas, alguns depois morreram, sumiram, desapareceram e a gente... Roberto sempre teve uma simpatia, uma ligação muito grande com pessoas do Partidão... uma vez, eles precisavam de um lugar para se reunir e nós falamos para eles se reunirem nessa casa em Friburgo. Nós éramos tão estúpidos, tão retardados - e eles também - que, para ficar discreto, imagina você, eles puseram lençóis em todas as janelas e quando você apanhava cada um na rodoviária, a pessoa tinha que vir deitada no carro, não podia olhar, não podia ver nada. E houve um fato gozadíssimo, porque a casa tinha três quartos e tinha uma casinha do lado de fora que tinha mais um ou dois quartos... Tinha chegado um chefão, o grandalhão do partido, e na hora de dividir os quartos esse amigo de Roberto que fazia Matemática, que era da faculdade, falou: “Roberto, nós vamos dar o melhor quarto para fulano...”. Roberto disse: “De maneira alguma, o melhor quarto é meu. Vou dormir na minha cama com a minha mulher. ‘Tô’ ainda meio de lua de mel, meu esquerdismo vai até certo ponto”. Eles ficaram horrorizados com esse nosso desvio ideológico. “Cá pra nós”, já

tínhamos vários desvios ideológicos: nós casamos na Igreja, nós não demos nossa cama para o chefão, né?

A - E a fundação do PT?

L - É. Aí vem a redemocratização, nós fomos atropelados pelas greves no ABC, pela sindicalização do professorado. Surge o SEPE (Sindicato dos Professores). Tem uma grande reunião dos professores. A primeira eu não fui, em Niterói. Desponta como grande liderança, o Godofredo Pinto. No meio das mulheres, a Hildezia Medeiros, que se tornou uma grande amiga. E aí eu vou para essa militância sindical, no SEPE, com Roberto, com todos os meus amigos. E o que é o PT? O PT é um partido que nasce fundamentalmente das organizações sindicais, das corporações e da Igreja Católica. Em Friburgo, as grandes bases eram o pessoal da Teologia da Libertação, das Comunidades Eclesiais de Base, e o grupo mais forte era o Sindicato de Professores. E eu me torno uma grande liderança da região serrana. Na verdade, eu vou comandar a greve em oito municípios, não me pergunte como nem por que... eu saio da gravidez do Ernesto... mas eu acho que aquilo tudo que tinha ficado sufocado, aquilo explode, mas explode no Brasil inteiro ... Explode coração! Você vê as músicas, você as peças de teatro, você vê tudo, é uma fúria por democracia, por liberdade. Eu queria ser livre, né? Inicialmente, queria ser livre individualmente, como pessoa, como ser humano, como mulher. E, depois, eu quero ser livre coletivamente. Esse é o grande marco para mim dos anos 70. Quando a gente é silenciado, é sufocado, eu começo a dar valor à liberdade coletiva, a liberdade do outro, a liberdade dos outros. E é por essa liberdade coletiva, lutar pelo outro, para o outro, que eu vou para o sindicato e para o PT.

A - Você sai em campanha para prefeita?

L - Aí nós saímos em campanha e acontece uma coisa incrível: o candidato nosso do PT, lembra que era um grupo de Igreja Católica, era o Fernando Pinto que, depois, se torna Deputado Estadual, Secretário Estadual de Educação pelo PT. O PTB estava naquela briga entre o Brizola e Ivete Vargas. A Ivete Vargas fica com a sigla, o Brizola quase morre e cria o [Revista Simbiótica - Universidade Federal do Espírito Santo - Núcleo de Estudos e Pesquisas Indiciárias. Departamento de Ciências Sociais - ES - Brasil - revistasimbiotica@gmail.com](#)

PDT. Brizola, candidato a governador e, pelo PT, é o Lisânias Maciel. E seria o Fernando Pinto o candidato a prefeito de Nova Friburgo (PT), com o vice que era o Wolgrand, que era uma grande liderança, era da Igreja Presbiteriana, nem sei se ele era pastor, um cara esclarecidíssimo... lá pelas tantas, nessa eleição de 82 para governador, a Ivete Vargas dispara como a possível governadora, que é o caso do Proconsult, que é uma armação pela Globo para derrubar o Brizola e inflar a Ivete Vargas, depois de todo conjunto de armações passando o PTB para Ivete e tirando o Brizola que era para impedir que aquele trabalhismo histórico de Getúlio, João Goulart, retornasse com o Brizola. As pessoas tinham um pavor do Brizola! Pavor, pavor. E aí o Brizola começa a denunciar que já tinha perdido a sigla e a Ivete Vargas estava lá na frente ganhando a eleição. O que faz o Fernando Pinto? Como todo bom católico?, Trai! Sai do PT! Nosso candidato, com plenária, com tudo, passa para o PTB da Ivete e vem candidato a prefeito de Nova Friburgo pelo PTB. A plenária se reúne, todo mundo berrando, ninguém se entende, e aí, isso é bem da minha vida: só me “colocam em fria”... me colocam sempre quando está tudo difícilíssimo, ou tá perdendo... quem é a pessoa ótima para “segurar” essas coisas? Lia! Me “jogam” candidata à prefeita, com Wolgrand de vice. O partido com muitos professores, Roberto, nessa ocasião, sai candidato a vereador eu fiquei pasma, porque Roberto não gostava de falar em público, como é que ia fazer comício em palanque? Aí eu falei: “Você está louco? Você vai ser candidato a vereador?”. “Vou vir candidato a vereador pra te proteger.” Roberto me deu provas, declarações de amor e de lealdade fantásticas ao longo da vida dele.

A - E qual é o resultado da eleição?

L - Bom, claro que eram cinco candidatos e nós ficamos em último lugar, mas nós fizemos uma campanha linda, nós fomos a todos os lugares, nós falamos com todos os candidatos, todos os eleitores. Eu participei de todos os debates públicos: todos. Na rádio, eu estudava negócio de conta de água, tudo. Várias pessoas, de várias formações, de várias profissões, me dando aulas e eu lendo aquilo tudo e eu ia preparadíssima. Falava sobre qualquer assunto. Num dia teve um debate muito grande na rádio, e o Heródoto Bento de Mello, um engenheiro, que é quem ganha à eleição, claro, tinha sido interventor da ditadura, o cara

mais velho. E quando acabou o debate na rádio, ele saiu e Roberto estava do lado de fora, em cidade do interior, todo mundo se conhece, né? E o Heródoto falou assim para o Roberto: “Olha, eu nunca vi uma mulher inteligente como a sua”. Agora, ele não me disse isso... não para mim...

A - Agora, tem um homem que disse isso para você... Darcy Ribeiro...

L - É... eu acho que o Darcy... é uma outra fase, né? Quero dizer: eu já tinha sido sindicalista, petista, candidata à prefeita... meu pai veio com todo um jogo de sedução para a gente voltar pro Rio... Adriana, minha filha, ia fazer quinze anos, tinha uma ligação muito grande com meu pai e minha mãe, então ela, meu pai e minha mãe “armaram” isso... foi uma coisa muito grave nas nossas vidas. Eu acho que foi um grande equívoco que eu cometi na minha vida. Não de ter vindo para o Rio, não de ter trabalhado com Darcy Ribeiro ou vir fazer o meu mestrado, porque eu vim, fundamentalmente, não foi para trabalhar com Darcy, mas para fazer o meu mestrado. Agora, é claro que o convite do Darcy publicamente na frente dos trezentos delegados do Estado inteiro, onde eu falei e ele ficou louco e disse: “Eu quero esta mulher!”.

A - Que momento foi esse?

L - Era um momento brilhante, maravilhoso e que, pela primeira vez, o professorado do Estado e Município discutiu teses: o que era Educação? Isso foi oportunizado pelo governo do PDT, pelo governo Brizola. Eu era do SEPE, era do PT, eu saí delegada da região serrana com outro colega, o Sebastião Guerra – Tiãozinho Guerra. Mas, na hora de falar, ele disse: “Lia, você tem muito mais essa capacidade de se colocar... eu queria que você falasse.” E eu me lembro que eu comecei falando e eu dei um título, um mote, uma palavra que eu disse: “Eu ‘tô’ falando aqui da explosão da voz silenciada, que é como a gente se sente nessa sala aqui. É a explosão da voz silenciada, uma geração de professores calados, emudecidos...”. E aí Darcy ficou doido na mesa: estava ele, Maria Yedda (Linhares), Lara Vargas, Godofredo (Pinto), pelo SEPE, e ele (Darcy Ribeiro) vai e faz o convite em público para que eu viesse

trabalhar no governo Brizola. E os professores se levantam todos e começam a gritar pra eu ir, pra eu ir, inclusive o pessoal do PT, pessoal que odiava o Brizola, porque nós queríamos ocupar o espaço, nós queríamos fazer política, nós queríamos redemocratizar o Brasil. Bom, eu fiquei aturdida, né? Eu tinha um filho de cinco anos... eu tinha três filhos e uma vida toda montada em Nova Friburgo e aí, de repente, né? Como é que ia ser aquilo? Aí Roberto me deu a maior força. Meu pai montou um mega apartamento que tinha sido dos meus avós em Copacabana, “botou” tudo novo, me levou numa loja para eu escolher um carro, para eu ter uma “vida de madame”, de classe média, de burguesia...

A - Mas você trabalharia em quê e onde?

L - Darcy falou: “Vem trabalhar comigo”. Bom, aí já começou meu desespero porque ele, Lara Vargas e Maria Yedda Linhares já começaram a brigar, me disputar, principalmente, ele e a Lara. Aí me mandaram para um projeto em São Gonçalo (município fluminense). Eu fui diretora do “Walter Orlandini”, que era um complexo educacional que tinha universidade, ensino médio, ensino fundamental e eu vou dirigir o Walter Orlandini, que é o Ensino Médio. Aí começa o meu trabalho, depois ele (Darcy) me tira de lá e me traz direto para os CIEPs (Centros Integrados de Educação Pública), para o I Programa Especial de Educação, para ficar diretamente com ele. Quer dizer, ele deixou eu ficar um tempinho com a Lara Vargas, “pra não ficar chato”, porque eu era professora da rede dela, mas depois ele deu um jeito pra me tirar.

A - O que foi o I Programa Especial de Educação para você?

L - Eu acho que foi a minha melhor e mais incrível aventura pedagógica. Não existe nenhum projeto que eu conheça, em termos de Brasil, de América Latina, no mundo subdesenvolvido, desenvolvido, se desenvolvendo, que chegue aos pés dos CIEPs. Na verdade, o projeto CIEP é um projeto do primeiro mundo, é um projeto que não deixa nada a perder a qualquer projeto dos Estados Unidos, da Europa, de um Colégio São Bento, de um Colégio Santo Inácio e quem diz isso é uma professora com cinquenta anos de sala de aula, Revista Simbiótica - Universidade Federal do Espírito Santo - Núcleo de Estudos e Pesquisas Indiciárias. Departamento de Ciências Sociais - ES - Brasil - revistasimbiotica@gmail.com

com escola normal, mestrado, doutorado, pós-doutorado em Educação. Realmente eu tenho argumento teórico e a prática de milhares de alunos, três filhos, quatro netos, para dizer o que eu estou falando.

A - Você diz que aquele era um modelo de escola para país de primeiro mundo?

L - De primeiro mundo, mas que poderia ter sido implantado no Brasil e teria mudado a história do Brasil. Hoje, o que a gente gasta com as UPPs (Unidades de Polícia Pacificadora), com violência, com polícia, nós não quisemos isto, nos anos oitenta. Mas quando a gente não elegeu o Darcy Ribeiro, governador do Rio de Janeiro, quando acabou o governo do Brizola... nós estamos gastando hoje na violência e na polícia o que não se investiu na educação...

A - Quem eram as pessoas, Lia, que estavam pensando outro Brasil possível?

L - Eram fundamentalmente as pessoas que sobreviveram aos anos sessenta, que voltavam do exílio, né? Setores de toda esquerda, alguns que ficaram exilados dentro de seu próprio país e que, de alguma forma, conseguiram sobreviver: intelectuais, artistas, pessoal da cultura... que tinham um outro engajamento, um outro compromisso. Não era essa coisa de “aldeia global”, de Globo, de ser “celebridade”. Não existia esse culto à celebridade, esse culto à plástica, a ser jovem permanentemente. As pessoas podiam ser velhas. As pessoas envelheciam com dignidade, as pessoas mais velhas eram admiradas, né? Então, hoje, você vê os próprios políticos quando vão se candidatar, eles ficam preocupadíssimos em fazer várias plásticas para parecerem mais jovens! Então, mudou completamente a cultura política e acho os próprios valores da sociedade, né? Havia uma base na família, uma base até mais religiosa. Você vê que toda essa crise que hoje há no Vaticano, os atuais discursos desse Papa, que está tentando, de alguma forma, recuperar um mínimo de valores, de uma base que mantenha essa sociedade ocidental de pé.

A - Quando você trabalhou no Programa Especial de Educação você era PT?

L - PT. Eu trabalhei com Darcy filiada ao PT, do diretório regional do PT, da direção do sindicato. O Darcy trabalhava com pessoas de todos os partidos, de partido nenhum, de esquerda e de direita. Porque ele dizia sem parar: “Pra mim só existem dois partidos: o partido dos que estão satisfeitos como o que está, porque de alguma forma eles se locupletam, eles têm privilégios. E o partido dos que não estão satisfeitos com o que está e querem mudar. Eu quero comigo as pessoas que querem mudar. Eu não quero ver filiação”. Realmente, eu convivi com pessoas incríveis, eu conheci pessoas inteligentíssimas, principalmente da área cultural, que nunca tinham tido militância em partido, nunca tinham sido candidatas, mas que usavam o seu fazer, a sua profissão, para a construção de um mundo melhor, de um mundo mais justo, de um mundo mais belo, né? Até essa questão da estética, da beleza, da cultura, foi um grande legado, que eu creio que o Darcy me legou. O Darcy abriu os meus olhos para a importância da cultura, das linguagens artísticas e, principalmente, de como não existe educação sem cultura, sem você se apropriar de todas essas linguagens. Então, a minha maior crítica à formação de professores e à escola é a essa “escola desonesta”, que Darcy dizia e eu repito que é desonesta sim, porque ela tira de você a chance de se formar plenamente na sua humanidade. Porque você só se forma plenamente na sua humanidade com essas diferentes linguagens e essas linguagens lhe são simplesmente negadas. Você “recorta” e “cola”, você dá aquela matéria do conteúdo programático, você tem uma resposta única, absoluta, uma provinha que é a avaliação. Agora é a “fúria” da avaliação, entendeu? Provinha, Prova Brasil, provão, ENEM... Agora a educação e só ver os índices aí que o Brasil está no *ranking* internacional... não sou eu que digo isso.

A - Mas você, Maria Yedda Linhares, o pessoal da cultura, o Darcy, eles estavam imaginando qual escola? Eu quero que você fale para nós do projeto CIEP.

L - Na verdade, há muitas contradições. Se vocês virem o próprio DVD que a gente tem, com Maria Yedda (Linhares), horas e horas e horas de pesquisa! Maria Yedda e Darcy eram amor e ódio, né? Vaidades... mas existia um ponto comum que vem do movimento da Escola

Nova, Paschoal Leme, Anísio Teixeira, é a luta pela escola pública, direito à educação, acesso à escola pública de qualidade, que forma o cidadão. Uma escola que trabalha com a integralidade, com a totalidade do ser humano. E as linguagens artísticas têm que estar presentes. Darcy era um homem da cultura. O Anísio também valorizava a questão cultural. Então, essa relação educação, cultura e saúde é o grande projeto, é a grande “sacação” dos CIEPs. A animação cultural, para mim, é o aspecto mais revolucionário dos CIEPs. Agora, a Maria Yedda (Linhares), ela temia aquele arrojo... mas eu quero defender o Darcy e o próprio Brizola. Eles iniciaram com trinta CIEPs, depois se aumentou para sessenta, para cem, para trezentos e ficou incontrolável porque todos os políticos, todos os prefeitos, todos queriam CIEPs porque queriam, claro, mostrar aquela obra, mostrar aquela novidade! Era um prédio maravilhoso, do Oscar Niemayer, que abria nos sábados e domingos, que integrava a comunidade. Alguns (prédios) tinham piscina, todos com quadra coberta. Aquilo era um equipamento social de muito valor para lugares pobres, para municípios distantes. Então, se perdeu de fato o controle num experimento que cresceu talvez de forma desmesurada, eu reconheço. Por outro lado, eu mesma fui Secretária de Educação e Subsecretária, de 1999 ao início de 2001, eu te pergunto: o que seria do Rio de Janeiro se não fosse a construção dos quinhentos e vinte sete CIEPs? E não foram apenas quinhentos e vinte sete CIEPs. Havia um outro arquiteto, o João Filgueiras, o apelido dele, o “Lelé”, que construiu os “Lelés”, que era um outro tipo de construção. Ele construiu várias “Lelés”, várias escolas foram reformadas, ampliadas, muitas salas de aulas foram acrescentadas, novas quadras, sem seros CIEPs e sem ser “Lelés”. A Maria Yedda (Linhares) quando saiu do governo, ela deixou todo esse levantamento. Daí a grande importância de estudar a gestão da Maria Yedda na Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro, porque eu afirmaria que a Maria Yedda foi a melhor secretária que o Estado e a capital do Rio de Janeiro já tiveram. Montou uma equipe de alto nível e fez uma desestruturação do que a ditadura havia feito. Quer dizer, a ditadura criou os estudos sociais, ela separou de novo História e Geografia...

A - Lia, e aí começou a trágica, na minha opinião, a trágica luta política, quando esta perde qualquer sentido de dignidade, que foi a campanha contra os CIEPs, não?

L - Me parece que o que aconteceu aí, Adelia, eu digo que a gente era muito ingênuo... a gente tem que voltar ao texto do Luciano Martins, voltar á geração AI-5... ao próprio Brizola, Darcy... o pessoal do exílio foi ingênuo, romântico. Gente, não era mais o mesmo país, não era mais o mesmo mundo. Começava esse poder das mídias, a televisão começa a ocupar um papel absurdo e nós tínhamos um “anti-Cristo” que a Tv Globo podia falar o que quisesse...

A - O Brizola?

L - O Brizola era o alvo. Tem o Proconsult. O Brizola também elege o Roberto Marinho como inimigo público número um. Então, veja bem: você tem a Tv Globo contra e aí tem a famosa disputa de espaço e a dificuldade da esquerda se unir: o pessoal brinca que a esquerda só se une na cadeia. Eu acho que nem na cadeia... o que acontece? O PT... o Partido dos Trabalhadores, na verdade, não quer só se construir como novo partido, nova alternativa: ele quer se apropriar, na minha avaliação, de uma trajetória do trabalhismo histórico, do Getúlio, do João Goulart e do Brizola. Eu acho que faltou uma visão de estadista, uma visão maior, que o Lula nunca teve em perceber que, para o processo político histórico do país, tinha que haver uma continuidade daquela ruptura brusca que fora a ditadura. E o lugar ali era do Brizola. Naquele debate em que o Lula perde para o Collor, que é a Senzala contra a Casa Grande, era a vez do Brizola, engenheiro, muito “raposa”, ele teria “jantado” o Collor e teria muita chance de ganhar aquela eleição, naquele ano! Faltou, a meu ver, grandiosidade, faltou humildade ao PT e ao Lula. E faltou visão política. Não se trata de gostar do Brizola, de querer transformar o Brizola num santo, mas era o que o Brizola e o PDT representavam na política. E o Brizola, todas às vezes, foi magnânimo, levou o PDT todo a votar no Lula. Depois, Brizola veio candidato a vereador, quer dizer, Brizola tinha visão de estadista. O que é o estadista? É aquele que tem compromisso com as próximas gerações! O verdadeiro estadista tem compromisso com as próximas gerações. Por isso, a principal bandeira de luta do Brizola se transformou na Educação porque ele percebeu, no Uruguai, no exílio, quando os filhos estudaram na educação integral, a importância de uma boa escola pública. Ali, ele percebeu a importância. Claro que ele já tinha uma experiência fantástica - que tinha que

estar no Guinness - dos anos 50, como governador no Rio Grande do Sul, que ele faz as “brizoletas”, que ele constrói seis mil salas de aula, leva a alfabetização, a educação para os mais longínquos lugares do Rio Grande do Sul, nas fronteiras... é preciso recuperar essa história do Brasil. O Darcy foi o Ministro da Reforma Agrária. O Darcy e o João Goulart iniciam a Reforma Agrária. João Goulart e Darcy iniciam a reforma agrária com as propriedades do João Goulart e da Dona Neusa Brizola, que é de uma família rica. Eles doam o que era deles para o Brasil. Enquanto que, agora, os próprios políticos roubam o que é do povo, com essa educação pífia, essa saúde pífia... é preciso recuperar os valores, os princípios o projeto de nação...

A - Eu não considero o CIEP uma experiência fracassada. E você?

L - De maneira alguma. Eu acho que os CIEPs lançaram milhares de sementes, no Estado do Rio de Janeiro, no Brasil inteiro e fora do Brasil. Paulo Freire dizia que a melhor experiência da América Latina são os CIEPs. Nós temos um vídeo de uma hora e meia, um diálogo entre Darcy e Paulo Freire e eu acho que nós tínhamos que oportunizar e divulgar esse vídeo de Darcy e Paulo Freire. E recuperar com as pessoas o que foi realmente o projeto dos CIEPs, os Centros Integrados Educação Pública.

A - Estão fazendo algumas confusões hoje com a educação integral, não estão, Lia?

L - As pessoas estão querendo baratear a ideia de educação integral, a concepção filosófica de educação integral do Anísio Teixeira e do Darcy Ribeiro e, simplesmente, estender o tempo escolar de qualquer jeito, de qualquer maneira, de forma desintegrada, com voluntariado, com monitor! Eu fico pensando no risco para os profissionais que estão “entrando nessa canoa” porque é preciso pensar que as famílias quando entregam os filhos, os adolescentes e os jovens a nós, eles acreditam que nós, enquanto profissionais da educação, temos responsabilidade sobre o que nós estamos ofertando. Se eu chamo qualquer pessoa, que não é uma funcionária pública, que não é estatutária, que não teve uma formação pedagógica... se eu entrego os filhos dos outros, as crianças, os jovens, nas

Revista Simbiótica - Universidade Federal do Espírito Santo - Núcleo de Estudos e Pesquisas Indiciárias. Departamento de Ciências Sociais - ES - Brasil - revistasimbiotica@gmail.com

mãos desses tutores, monitores, “amigos da escola”, sinceramente, um projeto profundamente antirrepublicano. É a “desrepublicanização” da escola pública.

A - Tem outro fator, eu acho, como dizia Leonardo, você, na sua trajetória de mulher-professora-transgressora, foi se preparando até poder exercer a ação política ...

L - Eu aposto na autonomia do meu aluno. Eu aposto na independência do meu aluno. Eu fico o tempo todo preocupada em fortalecer a autoestima do meu aluno. Porque veja bem, o que é que eu queria aos dezesseis, dezessete anos? Eu queria ser livre. Eu queria ser autônoma, eu queria ser independente. Eu valorizava o trabalho, a profissão, eu queria ser capaz, eu queria ter uma profissão, eu queria ser respeitada, reconhecida socialmente. Então, é isso que eu digo para o meu aluno: “Não adianta você ficar fazendo mestrado, doutorado, vivendo de bolsa. Você tem que trabalhar. Vai para o mercado de trabalho. Porque é ali que você vai deixar de ser aluno, ‘mamífero de luxo’, ‘filho do papai’ e vai virar homem, mulher. Vai virar gente. Porque você vai ter que encarar o espaço do trabalho, a competição, a ‘puxada de tapete’ e aí você vai virar uma pessoa adulta. Porque o mundo é isso, o mundo não tem só beleza. Tem as pedras no caminho e você tem que mostrar que você é capaz, de se autosuperar”. Aquilo que eu falei: primeiro conhecer muito bem a si próprio. Acho que eu passava para meus alunos essa visão. Eu e Roberto éramos idolatrados pelos nossos alunos. Não sei se vocês lembram de um seriado muito antigo: “Casal 20”. Os alunos só nos chamavam de “casal 20”. Roberto chegava na escola, com uma *Variant* (marca de carro), ele abria atrás, no dia em que tinha reunião com todos os professores, na quarta-feira, ele trazia ovo, leite, trazia num sei quê e vendia saco de feijão. Os alunos achavam aquilo uma coisa! Quer dizer, dois cariocas da zona sul do Rio de Janeiro, que “chutam o balde”, largam tudo, escolhem viver no interior e compram uma propriedade com 33km de terra, sem luz, sem vaso sanitário, sempre “duros” ... Eu me lembro que, durante os primeiros oito anos, a gente ainda estava pagando a fazenda e não conseguia pagar a fazenda! Eu só tinha duas calças jeans e um casaco. E como eu era feliz! Como eu fui feliz, como aqueles anos da minha vida foram anos muito felizes! Eu nunca comprei um batom, eu não me pintava... até porque era uma coisa também que marcou muito a minha geração,

que eu acho que são questões também para se discutir, essa questão da dialética do desejo, porque a mulherada da esquerda tinha um troço maluco, não se depilava, não era “politicamente correto”, era uma coisa da burguesia, né? Então tinha uma coisa dicotômica: o bem e o mal, o certo e o errado. Excesso de vaidade era mal visto, era uma coisa burguesa. Você não valorizara as coisas materiais... nós tínhamos desprezo pelo dinheiro... nós tínhamos desprezo pelas coisas materiais. Nós tínhamos até vergonha de falar muito de dinheiro, de ganhar dinheiro! Nenhuma das pessoas das minhas relações, da minha geração, falava em ganhar dinheiro. Isso realmente é o meu grande choque no mundo atual porque hoje o dinheiro é o nosso deus. Só se fala em dinheiro!

A - Lia, eu acho que muita gente vai ler essa entrevista. Mas, talvez, haja um público muito especial: os estudantes universitários, que são esses que estão, agora, protestando, que estão lutando e que...

L - E que precisam articular o discurso, precisam aprender a falar.

A - Fale para esse público, por favor.

L - Eu acredito que esse jovem que chegou à universidade não pode esquecer que ele é um privilegiado. Esse país é um país de analfabetos, esse país é um país que, como diz Darcy Ribeiro, oferece uma “escola desonesta”. Este jovem que conseguiu de forma privilegiada chegar à universidade, ele tem um compromisso com o nosso povo. Cabe aos professores universitários e aos seus alunos retomar o rumo dos pioneiros da educação, da Escola Nova, de Anísio Teixeira, de Florestan Fernandes, de Darcy Ribeiro, de Paulo Freire, de Maria Yedda Leite Linhares, de tantos outros que sonharam com um Brasil mais justo, que tinham um projeto de nação e de sociedade. O projeto de escola dessas pessoas não era uma “ilha da fantasia”, estava dentro de um projeto de sociedade que, por sua vez, estava dentro de um projeto de nação. Uma nação livre, autônoma, independente e não uma nação “de quatro” porque, como diz os Titãs “o povo não quer só comida”. Educação e saúde custam caro.

A - Tô lendo aqui o prefácio do Darcy Ribeiro a seu livro...¹⁰

L - Darcy já estava morrendo quando ele fez o “tímido prefácio”... como se Darcy pudesse ser tímido!

A - Eu acho que tem um sentido nesse “tímido” aí, Lia... ele estava realmente tímido diante desse universo das mulheres. Ele, machista, porque eu acho que, durante a vida dele ele não teve a oportunidade dessa interlocução, eu acho que você deu essa oportunidade a ele, dele pensar a mulher...

L - Ele disse sempre, ele disse na banca e diz nesse prefácio que aprendeu muito comigo. O Darcy tinha medo de mim.

A - Provavelmente...

Le - É “pau é pedra, é o fim do caminho”?

L - Não, de jeito nenhum!

Le - Eu sempre sonhei em lhe perguntar isso.

L - Eu sou incorrigivelmente otimista. Querido, tá ali a Bruna (neta), tá ali a Maria Eduarda (neta mais nova, de 2 anos). Você acha mesmo que é o fim do caminho? Gente, vocês querem chorar? Eu vou mandar pra vocês a carta da filha da Ligia Aquino (colega docente no ProPEd-Uerj), vinte anos, líder acadêmica no IFCS, da UFRJ, que posta a foto da mãe (Ligia Aquino) que nem a Leila Diniz, com a barriga de fora, grávida dela, escrito na barriga: “Fora Collor!”. Assim como ela se constrói a partir da barriga da mãe, eu vou escrever para minha

¹⁰ Darcy Ribeiro escreveu o que chamou de “Tímido Prefácio” ao livro originado da tese de doutorado de Lia Faria publicado sob o título “Ideologia e utopia nos anos 60: um olhar feminino” (Eduerj), em 1997.

filha, Adriana, a partir do momento em que eu vou para essa militância décadas atrás. Não, não é o fim do caminho.